

ENTREVISTA INÉDITA

Por amor à vida

FILIPA MELO

Entre o início de 1996 e Maio de 1997, a jornalista falou várias vezes com José Cardoso Pires falámos sobre os seus acidentes vasculares cerebrais, sobre a morte e a vida. Das notas dessas conversas, nunca antes publicadas, ficou o registo de um homem que temia o fim, mas que lhe conhecia as manhas. Disse e viveu, *acta est fabula*

P. — Como é que hoje encara a morte, um dado inevitável? Com que armas se prepara para a enfrentar?

R. — Não tenho nenhuma. As armas que tenho é acreditar na ciência e pensar que a sociedade tem o dever estrito e o mais forçado de poupar humilhações ao cidadão. A ideia que tenho da morte hoje é a que sempre tive: morreremos e morre tudo. Mas eu sozinho não sou capaz de mudar nada. É preciso que a sociedade se deixe de cinismos e de porcarias e que a eutanásia seja uma realidade e a morte assistida seja outra. Isto é fundamental. Eu espero

que os médicos sejam o que lhes compete; que, acima de tudo, sejam humanistas. Felizmente, em Portugal publicaram-se dois livros espantosos: *Um Modo de Ser*, do João Lobo Antunes, e *O Erro de Descartes*, do António Damásio. O primeiro mostramos um médico que trabalha a um nível profundamente técnico e, ao mesmo tempo, tem um sentido de humor, uma riqueza humana e uma cultura espantosas. Há três coisas que, para mim, são fundamentais num ser humano: ser grande

na sua profissão, ser humano, estar ligado à Humanidade e ao coração, e, ao mesmo tempo, ter um humor criativo. Este é o retrato do João Lobo Antunes que o livro nos dá de uma forma quase comvente.

Ele pertence a uma dinastia de médicos que são grandes, que sabem escrever e têm um conceito plural do mundo. Depois, há os terríveis médicos tecnocratas e tecnólogos. O médico tecnólogo mais terrível do mundo foi o Dr. Mengel, o nazi que, em Treblinka, matou milhares de pessoas em prol da ciência. Pós a tecnologia acima de tudo. Queria descobrir mecanismos terríveis do ser humano e, para o

conseguir, sacrificou a presença excepcional do Homem no universo. Em nome da tecnologia, excomungou o Homem. O Dr. Mengel provou que o analfabetismo da tecnologia é uma coisa terrível. A cultura geral é para uma elite, os médicos podem tê-la... Tive muita sorte de ir parar ao Hospital de Santa Maria. Senti que ali existe um humanismo básico.

P. — Que registo tinha de si próprio antes do acidente vascular cerebral [ocorrido em Janeiro de 1995]?

R. — Eu estava com um saldo bom porque acabava de sair de um desastre onde podia ter morrido e ter morto outro homem. Às três da manhã, no alto do Parque Eduardo VII, adormeci ao volante e caí com o carro em cima de um desgraçado. Depois, andei pelo Parque fora, com quatro costelas fracturadas, com dois polícias de cada lado — os tipos à rasca porque nunca mais chegava a ambulância, estavam furiosos... — e não me lembro de nada. Na manhã seguinte, acordo no Hospital de Santa Maria e a pior fase já passou sem eu dar por isso. A primeira coisa de que me lembrei é que feri alguém. A minha filha Ana disse-me que ele estava bem, que o tinha ido ver ao Hospital de São José e que ele tinha ficado profundamente sensibilizado. Era pianista no Casino Estoril, um tipo solitário... Telefonava

todos os dias para Santa Maria para saber como é que eu estava. Isto era comvente porque ele se preocupava com o assassino... Quando saí, convidei-o para jantar e ele quase me agradeceu, porque tinha feito muitas plásticas e ficado mais bonito... Novecentos contos de plásticas na cara... Fiquei para sempre com a imagem dessa gratidão.

P. — Durante os oito dias que passou em Santa Maria, sonhou?

R. — Tive lampejos de memória muito pequenos, perfeitamente inesperados. E ficou-me também essa pergunta: quem não tem memória, sonha? Sem memória, a pessoa não tem identidade. Agora alguns cientistas defendem que os fetos dentro do útero, que não são mais do que protocriaturas, têm memória. O que é que eles podem sonhar? Aquela coisa que está ali mais ou menos viva, que vive à custa dos sacões que a mãe lhe dá depois para o expulsar, para o fazer nascer, que memórias pode ter? E de quê?

Durante este período que tive sem memória, dormi e por isso posso ter sonhado. Mas não me lembro de nada. A minha dúvida é se al-



JOSE CARDOSO PIRES: ATÉ HOJE NUNCA FIZ BALANÇOS DE VIDA. ATÉ PORQUE NÃO ME CONVÉM...

guém pode estar sem sonhar durante aquele tempo todo?! Sem memória? Se não sonho, eu estou em risco de morrer... Os homens têm de sonhar senão o cérebro deixa de funcionar.

P. — Depois de sair do hospital, fez um balanço da sua vida? Quanto é ela «valia» antes desta sua «morte branca»?

R. — Até hoje nunca fiz balanços de vida. Até porque não me convém... Nunca fiz balanços das minhas relações com as pessoas... Nunca fiz balanços porque fujo deles.

No dia em que saí do hospital, um dia de Inverno de 1995, lembro-me que cheguei a casa e fiz o mesmo que fazem os gatos. Eu gosto muito de gatos. Eles quando estão muito tempo fora de um sítio, regressam e dão a volta à casa. Fazem-no por instinto de propriedade, para fixar o terreno. Eu quando cheguei a casa, fui para a sala, sem querer. Enfie-me logo para ali, coisa que nunca faço. E depois dei a volta à casa, inconscientemente. Vim para o escritório e sentei-me. Já tinha dito que queria comer pargo, um peixe de que gosto muito, e a Edite foi para cozinha cozê-lo. Eu fiquei aqui no escritório (que é um sítio que pouco utilizo), sentado durante uma quantidade de tempo, sem pensar em nada, como se estivesse bêbado, a gozar a janela. Tudo isto tinha uma luz espantosa, o mundo parecia-me maravilhoso. O gosto pela vida veio e veio também uma bondade espantosa, para um ti-

po céptico como eu.

P. — Passou um mês deslumbrado com a vida. E depois?

R. — Voltei ao normal. Hoje, sinto-me bem. A única coisa que tenho na minha idade é medo da morte. Mas não é por fazer cá muito falta... Não quero é que me mantenham à tona deste planeta a fazer figuras tristes. Não fui tão mau quanto isso nesta vida. A culpa toda disto tudo é dos misticismos. Porque as indústrias mortuárias são um poder mortal, têm a ver com os seguros, com a banca, com as funerárias. Eu não quero estar a servir as indústrias funerárias... Há uma máquina tenebrosa que está em cima de nós e da qual as pessoas não falam porque têm pruridos. Nós somos escravos deste fantasma terrível. Os negócios com a morte são mortais. Não haveria advogados se não houvesse morte. A morte é um dos maiores negócios do mundo.

P. — Diria como o Mark Twain: «A notícia da minha morte foi um exagero»?

R. — O que digo é que não quero ser humilhado, ficar gagá. Tenham respeito, tratem-me bem. Há tempos vi na televisão uma reportagem sobre uma senhora australiana com 40 e tal anos e cancro na pele e que fez eutanásia. Ela despediu-se das pessoas com muita dignidade. Eu louvo a decisão dela. É preciso ter respeito pela pessoa. O viver demais é um prejuízo.

ENTREVISTAS AO JL
«Fui claro?»

O lha, lá está o escravo...», dizia o vizinho da frente, torre com torre na Caparica, quando José Cardoso Pires se acomodava à noite diante da grossa tábua triangular que lhe serve de secretária. Semanas depois falaram, dois homens de perfis diversos, e um era Armando, trabalha em confecções, o outro José, aliás, para Armando «o Cardoso», romancista, amigos de infância, não se viam há quarenta anos, de modo que assim findou a confusão. Por um tipo se atardar ao pé de um candeeiro não tem necessariamente que levar escritas para casa!

«Queres ver que o Armando aparece não tarda?», açodou-me José Cardoso Pires: Aparecia ao bater da uma, braço direito num cumprimento, **ciao**, o sol anómalo deste Inverno aconchegando-o com a aura dos domingos incorporados e felizes. José, o romancista, do lado de cá também um **ciao**, **ciao Armando**, que não vais caber em páginas próximas, basta que existas, fiques aí na varanda de mão no ar, luminoso, e então conta-me: «Lá está o escravo, dizia Armando à mulher. Pensou que eu era contabilista». «E são amigos?» «Falamos das respectivas janelas, às vezes encontramos-nos na rua.»

Amigo é o comandante Alberto Covas, da TAP. Esse telefonou à uma e meia, uma azar bruto, acabava de comer. Mas sessenta minutos depois («fui a Madrid hoje de manhã») ouço a campanha e corro à porta, «você é o Covas!», «ah pois sou, e você é o...» («ó Covas!», José em **off** da cozinha, temperando os tordos), Covas bate com o trinco, saúda os presentes, instala-se. «Fui a Madrid, pá. Fui e vim.» Cansado, é evidente, ou a gente julga? Um cigarro aceso, um fio de fumo leve. Pus o gravador no chão.

A conversa fez-se a seguir ao almoço. Tom um de dois interlocutores que se conhecem ao ponto de não aceitarem o disfarce. Tema, dentro do possível: José Cardoso Pires troca Lisboa pela Costa de Caparica: o seu dia-a-dia; se o trabalho rende ou não; por exemplo, e para começar, que lugar preenchem os amigos na vida do romancista. A mulher, Edite «Esquilo» intra-muros, cúmulo da discricção, ouve-se a espaços. Covas, o comandante, reforça as minhas perguntas e polvilha a gravação com episódios seus, que não transcrevi da **cassete**. Personagem madura, o comandante do **Boeing**.

Hesito em desviá-lo da trama de um conto alheio.

«pergunta lá», diz o anfitrião.

ESCRITOR AVIADO EM TERRA

P. — Para começar, dependes de amigos como o comandante Covas?

R. — Dependo pois. Um tipo gosta sempre que lhe falem da sua profissão, como tu sabes gosto imenso de falar de literatura. Mas também sinto uma grande curiosidade em falar de coisas que não tenham nada a ver comigo. Ou daquelas em que apenas estou envolvido.

P. — Caso do Covas.

R. — Um comandante de avião está relacionado comigo por vários motivos. primeiro, eu

máquinas detesto-as, tenho-lhes medo, ou então tenho um extraordinário respeito por elas. Segundo, essas pessoas, o Covas que é o caso, convivem comigo e fatalmente vais encontrar pontos de contacto nelas, quer queiras quer não. O Covas. Não há-de ficar sensibilizado por um comandante de avião ler livros e comprar pintura quando tu não sabes nada de aviões? O Covas é mais rico do que tu neste aspecto. E isto quando a sociedade quer que um tipo que comanda aviões nunca leia um livro, não tenha um quadro em casa, que seja um escravo do consumo. O que a sociedade quer de um comandante de aviões é que ele coma lagosta. Não quer mais nada.

P. — Então não sabes puto de aviões.

R. — Puto, mas estou convencido de que o meu trabalho é muito mais difícil, o Covas que me perdoe. É mais difícil escrever um bom livro do que comandar uma avião. Não quer dizer com isso que eu mereça mais, é outra questão, mas é muito mais difícil escrever um bom romance do que pilotar um **Jumbo** ou um **Concorde**. Até porque há milhares de tipos a pilotar Concordes e escrever bons livros há por aí cinco ou seis no mundo, por alguma razão é.

P. — O teu contacto com um tipo duma profissão diferente...

R. — Se tiveres sorte excita-te a modéstia, percebes? Põe-te no teu plano. Por exemplo vou ali àquela pastelaria e está lá um tipo cujo sonho é enriquecer, mas entretanto lê livros, vê televisão, e eu o que é que faço? O que sei da vida dele? E quem tem mais obrigações: ele em saber a vida das letras, o que se escreve, ou eu em saber da vida que se vive? Sou eu! Não sei se estou a ser claro. A minha tentação, a Edite tem visto e sabe, é perder tempo. Eu interesso-me pelas pessoas mais do que pelas profissões. Cabines de avião? Estou farto de as ver no cinema, aquilo para mim é chinês, não me impressiona nada, não é por aí. Mas falar com um piloto ou com uma comissária que me conta histórias de pessoas — não é histórias para arquivar, atenção —, aí está uma outra parte da vida que é fundamental, já que eu não tenho a ambição, nem tenho a possibilidade, nem quero se calar, nem quero, conhecer toda a vida na intimidade, tinha que ter morrido duas ou três vezes para escrever uma novela onde morre alguém. Fui claro? (...)

TROUXA ÀS COSTAS EM CASA DE AMIGOS

P. — Neste semi-exílio da Caparica passas boa parte da semana sozinho é?



COM FERNANDO ASSIS PACHECO, NA SUA CASA DA COSTA DA CAPARICA, EM FEVEREIRO DE 1981, A SER ENTREVISTADO PARA O Nº 1 DO JL

R. — Sozinho, sim. Sempre. A maior parte do tempo.

P. — Este teu apartamento, compraste-o com os direitos autorais?

R. — Não, não. Eu tinha dinheiro de várias coisas, e algum também dos direitos autorais, mas que não foi a base. Comecei por querer fazer uma casa num terreno meu na Arrábida, mas bombardearam-me, até porque eu era de esquerda, e como a Câmara de Setúbal também era de esquerda não estava para mostrar à esquerda que fazia maningâncias, de maneira que deu-me sopa e eu fiquei com a sopa... Depois é que comprei o apartamento.

P. — Faço a pergunta de outra forma: neste apartamento estará um ano da tua produção como escritor? Dois anos?

R. — Nem dez! (Ri-se).

P. — Antes de vires para a Caparica escrevias em Lisboa?

R. — Na minha casa de Lisboa? Não. Escrevi de um modo geral noutros sítios, em casas de amigos. Em Lisboa não, porque tinha problemas, havia as miúdas, havia sempre umas lutas bestiais. Eu gosto muito do silêncio, gosto da solidão, não sou capaz de escrever diante de ninguém. O meu sonho a certa altura era ter um sítio. Também não gostei nunca de hotéis, lembravam-me o Ferreira de Castro! Andava portanto à custa

de amigos, amigos meus que tinham casas fora de Lisboa e que mas emprestavam. (...)

A FUGA PARA O SUL, SEGUNDO J.C.P.

P. — Vários escritos teus passaram-se ao Sul do Tejo, mais ou menos entre esta zona e Porto Covo, e um deles ao Sul do Tejo mas em Vendas Novas, O Hóspede de Job. Foi uma escolha deliberada, foi o acaso?

(Longa digressão do romancista, como se lerá.)

R. — Aí está uma pergunta gira. (Pausa.) Como é que hei-de pôr...? (Pausa). Deixa ver. Eu penso muitas vezes que devo ser um dos poucos tipos que fogem da infância. Não tenho saudades nenhuma da infância.

P. — Porque foi chata?

R. — Sim, chata. (Pausa.) Nunca foi dramática, foi aquilo que se diz, com o maior dos desprezos, uma infância pequeno-burguesa. Foi uma infância que me afirmou num aspecto que eu durante anos julguei que... Afirmo-me no aspecto solitário. Porque eu engano muito, as pessoas que me conhecem pensam que sou extrovertido, e sou, sou extrovertido, mas no fundo é para preservar uma

parte de solidão. Estou a pensar agora nisto. Nasci numa terra da Beira por acaso. Não tenho nada a ver com aquilo, não é feio nem bonito, a Edite foi lá comigo, não sei o que ela pensa. Tu achas que o Peso é bonito, Esquilo?

Edite — Não.

José Cardoso Pires ri-se, levanta-se, espreme o cigarro num cinzeiro do **living** e volta a sentar-se para continuar a

R. — Aquilo é uma «terra de pês», só deu padres e pedras, pinheiros e polícias. E sobretudo transpira subserviência, que eu percebi através das pessoas que vinham visitar a minha mãe a Lisboa. E isso a mim e à minha irmã provocou-nos uma reacção ao contrário. A minha foi violenta, porque eu fui para a Faculdade de Ciências para ir para a Marinha, o meu pai queria que eu fosse para a Marinha e eu até queria ir. Até que passei para Matemáticas, zanguei-me com a família, saí de casa, empreguei-me, fui correspondente do Inglês no H. Vaultier, eu que não sabia Inglês Comercial, que ainda hoje escrevo Inglês com uma dificuldade terrível...

P. — Mas lês inglês correntemente, hm?

R. — Sim, mas escrever, e logo Inglês Comercial! Nenhum inglês, sabes muito bem, não há nenhum inglês que seja capaz de dominar totalmente o Inglês técnico, e eu meti-me naquilo...

P. — Só que neste momento pareces um camelo a fugir pelo deserto. Concretamente ▶

o que respondes à minha pergunta?

R. — Pois. (Pausa.) É que tu puseste-me um problema de geografia e eu nunca tinha pensado nisso. Porque me viro eu para o Sul? (Pausa.) Tomara ter o condado mítico do Faulkner! Tomara eu. Mas para o Sul porquê? Não sei. Fujo do Norte, fugir do Norte é fugir das raízes. É eu não gostar das raízes que tenho. Nunca gostei. Tudo o que me cheira à Beira, àque-la Beira, é pior que... (Pausa.) Sabes, eu não tenho relações com a família de lá quem tem é a minha irmã. Para mim tudo o vem dali é mau, é o padre o polícia... E então pergunto: é esta gente que respeito? Não é. Eu vou fugindo para o Sul, vou fugindo das raízes, também porque tenho uma amargura muito grande em relação à infância, mas que não dramatizo porque não a sinto tão valiosa para os outros. (...)

GRAVAÇÃO
DENTRO DA GRAVAÇÃO

«Agora vou dar-te uma nota para um artigo que se calhar nunca escreverei. Chama-se **A Ideologia da Escrita**. Queres gravar?»

Faço a gravação:

«É muito mais profunda (a ideologia da escrita) que a ideologia do texto. Com o devido respeito acho que os críticos de cá, e se calhar de lá, marram muito mesmo, acham que a escrita é uma coisa que se faz em Língua Pátria para ser explicada em Francês universitário, em Francês freudiano-marxista, quero dizer. E por sua vez o **argumento**, ou seja, as relações do indivíduo com o tempo, não passa, para os nossos críticos, de coisa nenhuma: para uns são simples pretextos de escrita, enquanto que para outros é o contexto que se sobrepõe à escrita. Isto, bem entendido, afirmando sempre que forma e conteúdo são coisa e tal, indispensáveis e mais que também. Na minha fraca opinião, porém, isto de escrita e de leitura não é tão complicado assim. Para mim, que sou de letras correntes, já se vê, num estilo de Maria Velho da Costa, para não ir mais longe, eu vejo uma sintaxe ideológica e um gosto vocabular que são nitidamente aristocráticos. (E, como sabes, gosto muito da Maria Velho da Costa, é um dos meus autores.)

Melhor dito, ela faz uma escrita de recuperação erudita com as ironias de quem se está nas tintas para os eruditos de agora e prefere circular em gosto marginal mas sempre com o passaporte bem recheado de protecções de bom nome: mestre Gil, mestre Carrol, mestre Pound, cronistas e outros assim. Certo plebeísmo como provocação erudita. Nestas coisas de gosto o escritor quer-se sempre marginal. Uns porque assim se cultivam em imagem de noite, que é a que está mais à mão; outros porque, ficando em casa, jogam simplesmente no descontraído do vocabular, no **ora porra**, e assim se marginalizam e ganham crédito em relação às pessoas bem comportadas. Finalmente os restantes, que somos todos, que nunca querem ser remetidos no saco dos académicos e fazem desesperadamente por ter uma voz própria, à margem.

Citando Pessoa ou Cesariny, qualquer um pode bater boa prosa à cervejola sem correr certos riscos. Essa é já uma receita velha que anda por cem paus o cliente mais a percentagem de Boris Vian. Ou então ser tolerado pela corte dos generosos das letras, que, fazendo lei nos congressos e dormindo a horas certas, não se deixam contaminar pela vadiçice que ainda invejamos.»

Completa daí a pouco:

«Na literatura o que interessa é o fundo. A tentação provinciana é a do estilo: é a gravata. É o tipo que sabe que com um fato cinzento cai bem uma gravata preta, e que se tiver um fato

às riscas ou de xadrez não vai pôr uma gravata com ramos — já aprendeu isto... Esse é o estilo bem comportado, e por aí não se vai à literatura. São valores de passagem. Existem, aliás, em todos os países.»

O ENTREVISTADOR ENTREVISTADO

Uma entrevista, foi o que fiz? Volto para Lisboa cheio de dúvidas. Sou amigo de José Cardoso Pires quase desde os meus primeiros pêlos brancos. creio que um amigo trava a fluência do repórter **standard**, se é que sou **standard** e se é que a tenho. Esta conversa pisou por vezes a tábua. Paciência. Venho, vim, com um papel no bolso, onde José Cardoso Pires, arrancada a promessa de que me conformaria com o seu desejo, põe também perguntas. Até ao fim, em consequência, leia-se P. por José Cardoso Pires e R. por Fernando Assis Pacheco.

P. — Para mim escrever é uma solidão comprazida. Às vezes penso que é uma masturbação com a vida e a morte, ou coisa assim. A gente sonha-se sonhando. Trabalho de mão e de memória visualidade... enfim, é isso, prazer solitário entre quatro margens brancas de papel. Tu, já sei, preferes movimento à volta quando escreves. Verdade?

R. — Não é verdade, prosa de jornal, escrevo-a no meio de todos os barulhos do mundo. Prosa outra, e sobretudo poesia, é sem ninguém à volta, como tu. Também sonho com um sítio. Quando me livrar de vez vou para uma aldeia, com a diferença seguinte: nem cheiro de Lisboa.

P. — Uma coisa que ando há muito para perguntar. Lembrei-me disso uma vez que estava no Líbano e em que assisti aos bombardeamentos israelitas. Lembrei-me de ti, imagina. É verdade, no meio daquela balbúrdia toda lembrei-me de perguntar como é que se escrevia numa guerra. Se tu, por exemplo, escreveste alguma coisa no teu tempo de Angola, e o quê.

R. — Escrevi muito pouco em Nambuangongo e em Zala, um pouco mais em Luanda, que sempre era mais **temperada**. Não, na guerra tu queres é safar o coiro a qualquer preço. Vives em função disso, e chegas a não comer e a não beber por causa dessa obsessão. Depois, vigiam-te. Mesmo que não te vigiem para fins policiais, estão ali ao pé, é chato, é uma porra (desculpa o **porra**). Escrevi um soneto à morte de João XXIII que começa «Há um papa que morre enquanto escrevo/estas linhas de angústia e solidão», e um outro evocando familiares, ambos metidos pelo meu pai, não me disse nada, meteu e pronto, em apêndice ao meu livresco de estreia. E escrevi mais três ou quatro poemas que dissolvi em poemas posteriores. Não me dissolver eu, foi formidável.

FERNANDO
ASSIS PACHECO,
Nº 1, 3/3/1981

A valsa dos conspiradores

Estão de pé, o escritor e o jornalista. Entreestudam-se, animal acochado e fera não muito segura de si (vá lá saber quem é quem, nesta caça subtil). Convido-o a um pé de dança. Eis como lho disse: «Quase no final do romance, reconstituída a trama dos equívocos e ficções que alimentavam aquela casa, o Elias diz: 'Este processo é mas é uma valsa de conspiradores.' Ora todo o livro está construído sobre esta imagem: a de pares que se enlaçam por palavras e desandam e, quando voltam ao mesmo sítio são já diferentes. Cardoso Pires dá com a mão na testa: 'É boa! Você acha mesmo isso? Mas é extraordinário, porque, pensando bem... Ora, deixe cá ver... É isso mesmo! Mas palavra que nem pensei nisso. E é verdade, sim senhor, o Elias até diz: Ora agora mentes tu, ora agora minto eu, mentia tudo, minha gente.'»

E não é isso a *Balada*? 'É isso mesmo. É boa! A valsa dos conspiradores', estarrece-se o escritor. Passo seguinte: a identificação dos valsantes. Cardoso Pires figura como testemunha de acusação: 'Falei-lhe atrás dessa sociedade do medo que era a sociedade portuguesa desse tempo. Os vértices desse medo eram o fascismo, a esquerda rotineira, o sistema da mentira. Porque o que é verdade é que, durante décadas, houve neste país uma oposição da conspirata profissional, republicanoíde e mitómana, cuja fantasia megalómana constituía o melhor campo de treino dos métodos policiais do fascismo. O que se passa naquela casa onde coabitam aqueles quatro seres é a caricatura (no entanto, real) do que foi uma parte da conspiração antifascista neste país, durante muito tempo. O que era essencial era manter-se o moral, e para isso mentia-se, mentia-se sempre. Mas era o país inteiro que valsava: mentiam os polícias uns aos outros, e os conspiradores, e os jornais, e a propaganda, e os políticos. E todos alegremente se desculpavam da sua realíssima impotência para mudar as coisas.»

«Naquela casa o tempo e as pessoas repetiam-se por ecos» (pág. 59); espaço romanesco repetido e repetitivo, ele são as declarações de Mena, os gestos de Elias, o rigor burocrático do desperdício, o código falacioso de investigação. Que é a PJ do romance que não seja já a silhueta perfilada da PIDE, sempre na sombra, e, no entanto... «A sombra, estimado irmão, é o castigo do vivente», lido e sublinhado a páginas 44 da primeira edição de «Balada da Praia dos Cães.»

ANTÓNIO MEGA FERREIRA, Nº 47, 7/12/82

Corvos e outros bichos

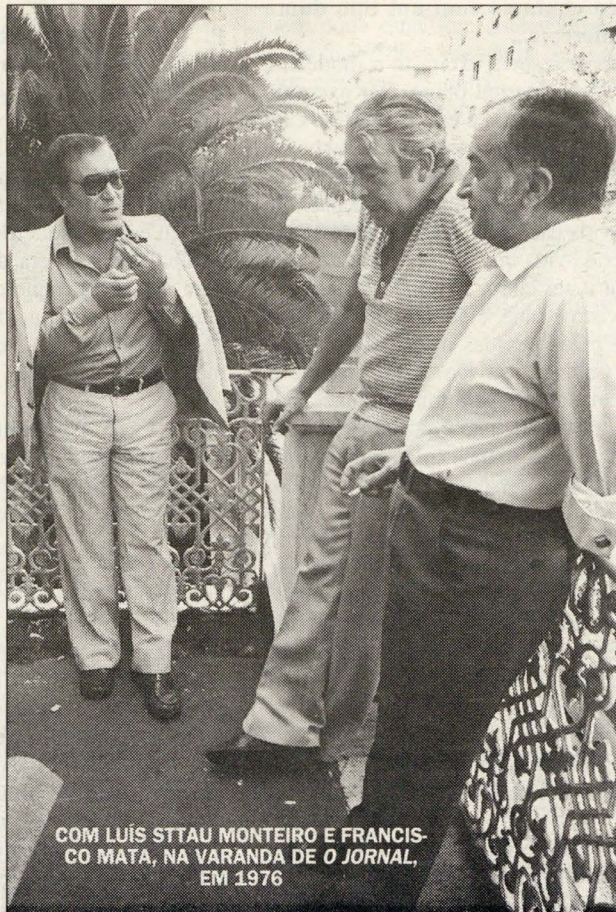
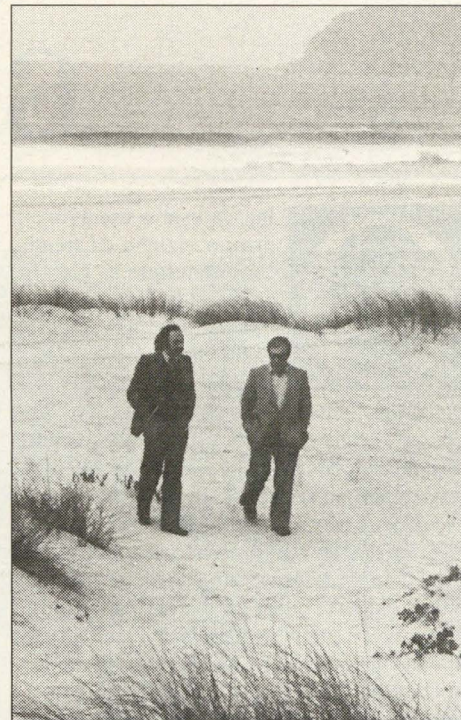
Bom, mas além dos gatos — e dos esquilos, claro... — os corvos, agora, com República, não serão também animais de sua predileção? «E do Poe, não se esqueça — responde-me. E do Homero também. A mim o que me seduz no corvo é o seu individualismo, a sua inteligência maligna, e a coragem.»

Aliás, quando há anos pensávamos numa editora, o Zé — assim, sem mais, o chamou a mulher, as filhas, a generalidade dos amigos mais íntimos — avançou um nome: **Os Livros do Corvo**. Ou semelhante: sei que metia corvo ou corvos. (Há muitos anos criou a colecção *As Três Abelhas*. E o primeiro jornal em que escreveu, no liceu, chamava-se *O Pinguim*.) Como, recordo também já no *Burro-em-Pé* o escritor se interessou por um corvo de taberneiro como este que, com sua casa esbranquiçada, abre as páginas do seu novo título.

«Mas eu aqui — sublinha — quis ir mais longe e fiz dele, corvo de taberneiro, um sujeito cem por cento da cidade e da imagem mitológica de Lisboa. Lisboa é, afinal, a República dos Corvos. Uma cidade que passa a vida a criticar as caravelas dos mitos mas que acaba sempre por embarcar nelas, embalando os mortos lendários.»

Corvo de taberneiro («taberneiro por convívência com o dono, conhece todas as velhacarias do vinho e como, ainda por cima, é ateu praticante, a conversa de Santo Vicente e dos corvos de Lisboa fá-lo virar as costas enjoado»), corvo de taberneiro que se transforma em Corvo Taberneiro...

Há aqui, acentua o autor, uma espécie de «reversibilidade de homem/animal»; e o que ele quis fazer foi um «bestiário ao contrário», e divertido. O que é então para si, J. C. P., 63 anos, escritor profissional, profissional a sério,



COM LUÍS STTAU MONTEIRO E FRANCISCO MATA, NA VARANDA DE O JORNAL, EM 1976